

História dos Tropeiros e do Tropeirismo em Pelotas 1860 - 1890

LUIS HENRIQUE PORTO OLIVEIRA¹;
ELISABETE LEAL; JONAS MOREIRA VARGAS²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – luissuka.oliveira@hotmail.com1

²Universidade Federal de Pelotas – elisabeteleal@ymail.com – jonasmvargas@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Entre 1860 – 1890, a cidade de Pelotas teve seu apogeu na produção de charque. Com o ápice do charque pelotense, conforme Mario Osório Magalhães (1993), em 1861, deixou de ser somente um dos produtos exportadores, mas se tornou o principal chegando a 74,9% das exportações. Pelotas nesse período bateu recordes de abatimento de gado e de exportações, contudo somente os gados criados na região não eram suficientes para as demandas do período.

Para manter o abastecimento dos seus estabelecimentos, os charqueadores precisavam adquirir o gado de outras regiões do Estado. E conforme Jonas Moreira Vargas (2016), a maioria do gado que era abatido nas charqueadas vinham de outras regiões, sendo uma das principais o Uruguai. Somente em 1870, conforme Alvarino da Fontoura Marques (1987), as tropas de Cima da Serra foram trazidas para Pelotas. Antes disso, o gado advinha somente da região abaixo do rio Ibicuí, campanha e região central. Porém, como o volume de abatimento do gado era muito alto, os charqueadores também recorriam aos rebanhos uruguaios, principalmente em Cerro Largo e Tacuarembó. Foi constatado que sem as tropas vindas dessas regiões o abastecimento de gado verde nas charqueadas seria prejudicado.

Um fator importante também para a manutenção das charqueadas foram o deslocamento dessas tropas, e da figura do tropeiro. Figura social que tem importância ímpar na economia pelotense, e também no Brasil, pois sem ele possivelmente haveria uma dificuldade para a produção do charque. Os tropeiros serão o centro de nossa pesquisa e buscaremos analisar a sua atuação tão influente no período. Sabemos que a condução de tropa é anterior às décadas de 1860-1890, mas abordaremos esse recorte, visto que, esse foi o período que as charqueadas pelotenses mais abateram gado e produziram o charque, e por consequência o maior acúmulo de tropas indo em direção à princesa do sul.

Com esse grande número de tropeiros se deslocando a Pelotas, era necessário que os mesmos tivessem relações com os estancieiros, mas não são relações somente de negócios, mas sim de confiança, já que muitas vezes os tropeiros eram quem faziam toda a negociação do gado com o charqueador na cidade, sendo considerado um atravessador, que utilizava de suas artimanhas para a manipulação do mercado a seu favor, tanto que os charqueadores sempre buscaram conforme Jonas Moreira Vargas (2016), diminuir os riscos dessas operações e ter o maior lucro possível. Por esse motivo esse resumo pretende trazer a discussão quem eram os agentes pertencentes a esse grupo social, e apresentar os resultados iniciais da pesquisa que está sendo realizada para o programa de pós graduação em história da ufpe.

2. METODOLOGIA

O trabalho vem sendo realizado a partir de duas subdivisões da historiografia, que são elas a história social e a micro história e também se utilizando do conceito de paradigma indiciário do Carlo Ginzburg. Também está sendo analisada as fontes que nos darão os indícios necessários para a reconstrução desse grupo social, os tropeiros. Os primeiros documentos analisados foram a lista de votantes do Rio Grande do Sul entre 1860 – 1890, e a partir delas buscar nas demais fontes identificar quem eram esses tropeiros.

Tendo como objetivo realizar uma história social dos tropeiros, investigando as relações sociais e familiares dos tropeiros com as demais pessoas da sociedade da época. Investigar os padrões econômicos dos tropeiros e como estavam estratificados dentro de seu grupo social. Compreender como os tropeiros influenciavam na venda de gado, visto que, faziam papel de atravessadores, fazendo o contato entre o estancieiro e o charqueador.

Para alcançarmos esses objetivos temos algumas fontes que são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, a já mencionada lista de votantes do Rio Grande do Sul no período, o acervo de Manuel Lourenço do Nascimento, inventários post-mortem, processos crimes e o fundo documental Museu do Charque que tem uma seção que está relacionada ao caminho das tropas.

Como metodologia buscamos fazer uma análise bibliográfica do que já foi escrito sobre o assunto, para que possamos ter um embasamento maior do que já foi, ou está sendo discutido sobre o tema proposto. Tudo isso resulta em juntar os fragmentos para que possamos então compreender melhor os tropeiros e suas redes de relacionamento, tanto no seio familiar, quanto com o restante da sociedade do período.

Toda a metodologia aqui descrita ainda não está totalmente fechada havendo possibilidades de mudança no transcorrer da pesquisa. Analisando quais serão as melhores formas de conseguir alcançar os objetivos a qual a pesquisa se propõe. Por isso as questões metodológicas ainda ficam em aberto devido a pesquisa ainda estar em sua fase inicial, já estabelecer e fechar o processo metodológico não seria o ideal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o início da pesquisa foi analisada a lista de votantes do Rio Grande do Sul entre 1860 – 1890, e tivemos inicialmente como resultado uma situação interessante, sabe-se a partir de uma análise empírica que nesse período existiam muitos tropeiros conduzindo gado no Rio Grande do Sul, porém ao analisarmos a documentação na maioria das cidades do Estado não encontramos pessoas que se intitulavam como tropeiros. Esses dados apontam um dado que confrontava o que se achava sobre a quantidade de tropeiros que conduziam gado, conforme Jonas Moreira Vargas (2014) “como demonstrarei a seguir, pode-se concluir que mais de 95% do gado abatido nas charqueadas era comprado de estancieiros e tropeiros de outras regiões”. (pág. 157).

Já que se quase toda a produção do charque pelotense era vinda de outras regiões, como então poucos deles se apresentavam como tropeiros? Essa questão está respondida a partir de um documento da Guarda Nacional, que decretava que enquanto os mesmos estiverem em suas atribuições não poderia



servir a Guarda Nacional, visto que esse trabalho era de extrema importância para a manutenção das atividades do país. Conforme o decreto abaixo:

Estabelece a maneira por que se deve fazer a designação dos Guardas Nacionais que tem de compor os Corpos destacados em virtude do Decreto n.º 224 de 16 de Outubro do corrente anno.

Hei por bem, Usando da attribuição que Me confere o art. 102 § 12 da Constituição do Imperio, Decretar o seguinte :

Art. 1.º Os Commandantes dos Batalhões, Corpos, Companhias avulsas, e Secções de Companhias da Guarda Nacional, ficão encarregados de designar os Guardas, que devem fazer parte dos Corpos destacados, em virtude do Decreto n.º 224 de 16 de Outubro do corrente anno.

Art. 2.º Estes Corpos serão compostos:

- 1.º Dos Guardas Nacionais solteiros.**
- 2.º Dos viuvos sem filhos.**
- 3.º Dos casados sem filhos.**

A designação será feita indistinctamente d'entre essas tres classes.

Art. 3.º Serão d'entre ellas designados com preferencia para o serviço de Corpos destacados aquelles individuos, que na Guarda Nacional não tiverem sido prompts para o serviço e não estiverem fardados.

Os que tiverem algum estabelecimento de lavoura, os Administradores de Fazendas, os Mestres de assucar e aguardente, os Arreidores, Tropeiros, Mestres de Barcos e em geral os que tiverem algum estabelecimento de industria util, no qual seja necessario a sua presença, não serão designados enquanto houver nos Corpos individuos, aos quaes, pelas suas circumstancias, seja menos oneroso o serviço de destacamento.

Por isso é possível entender a dificuldade daqueles que conduziam tropas se denominarem como tropeiros. Outra conclusão importante encontrada foram que os tropeiros não tem uma caracterização única, conforme análise já feita por Tiago Gil, que analisou os tropeiros de Viamão a Sorocaba, mas que se encaixa perfeitamente na análise que estamos desenvolvendo:

“Os tropeiros de gado da rota Viamão-Sorocaba não se constituíam como um grupo social preciso. Não possuíam identidade étnica, política ou de classe, ainda que sua *performance* social fosse orientada tendo em conta a imagem pública que estes negociantes de animais possuíam”. (GIL, Tiago, 2009, p. 50)

Esse mesmo tipo de característica vem sendo encontrado em nossas documentações, devido a posição social em que cada um se encontra, alguns tropeiros, por exemplo, tinham em seus inventários escravos, ao contrário de outros. Isso demonstra que mesmo eles pertencerem ao mesmo grupo social não tem uma heterogeneidade dentro do grupo. Esse fato inicialmente foram os que mais chamaram a atenção nesse período da pesquisa, ao decorrer do processo será mais fácil de identificar os tropeiros e classifica-los dentro da sociedade do período.

4. CONCLUSÕES

Nesse período inicial da pesquisa as conclusões que ficam é que os tropeiros são um grupo social heterogêneo, tendo a mais variada vertente de pessoas fazendo parte, visto que aparentemente era uma profissão de fácil acesso. E muitas vezes nem mesmo eles se reconheciam como pertencentes ao grupo. Como explica Tiago Gil:

“Nem todos os que trabalhavam no negócio de animais era chamados de tropeiros. Muitos diziam viver do salário de conduzir tropas, ou de comprar e vender animais, tal como se vê em algumas listas nominativas de São Paulo, no final do XVIII e no início do XIX”. (GIL, Tiago, 2009 p.51)

Isso demonstra que o paradigma indiciário de Ginzburg será de suma importância para a continuidade da pesquisa, visto que, será necessário analisar os nomes de todos os tropeiros encontrados, através da documentação que temos a disposição e fazer a costura necessária para chegar ao objetivo ao qual a pesquisa se propõe. A pesquisa ainda se encontra em um estágio inicial, por esse motivo as conclusões sobre não estão fechadas, mas inicialmente é possível concluir que os tropeiros são de extrema importância para a manutenção das charqueadas e para a economia do Brasil no geral.

Sendo assim, a pesquisa em torno desse grupo social vem para preencher uma lacuna, já que a maioria das bibliografias está voltadas para analisar o tropeirismo de cima da serra. Aquele que conduzia muares/gados até Sorocaba, ficando poucos estudos para os tropeiros que abasteciam as charqueadas pelotenses e sua importância para esse processo histórico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIL, Tiago Luís. **“Coisas do Caminho – Tropeiros e seus negócios do Viamão a Sorocaba (1780 – 1810).** 2009. Tese (Doutorado em História Social) – Curso de Pós Graduação em História Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GINZBURG, Carlo. **Sinais - raízes de um paradigma indiciário.** Mitos, emblemas e sinais. São Paulo, Companhia das letras, 1989.

LENHARO, Alcir. **As tropas da Moderação:** o abastecimento da corte na formação política do Brasil – 1808 – 1842. 2ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro:** um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). (Dissertação) História - Universidade Federal de Santa Catarina, 1993. 257 f.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. **Episódios do Ciclo do Charque.** Porto Alegre, Edigal, 1987.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum:** Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

TROPEIRISMO, *Vainfas, Ronaldo. Dicionário do Brasil Imperial. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009. P. 705-707*

VARGAS, Jonas M. NA TRILHA DAS TROPAS: OS CHARQUEADORES DE PELOTAS E SUAS ESTRATÉGIAS PARA ATUAR NOS MERCADOS DO GADO VACUM (RIO GRANDE DO SUL, C. 1850 - C. 1890), **Territórios e Fronteiras**, Cuiabá vol. 7, n. 2, jul.-dez., 2014

VARGAS, Jonas M. **Os barões de charque e suas fortunas.** Um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas. São Leopoldo: Oikos, 2016